

IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH-BA  
HISTÓRIA: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS.  
29 de Julho a 1º de Agosto de 2008.  
Vitória da Conquista - BA.

**TEATRO MUNICIPAL DE VALENÇA:  
O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO POVO**

*Irene Dóres Nascimento Britto*

Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus V

E-mail: idoris@bol.com.br

A imagem que a expressão “patrimônio histórico e artístico” evoca entre as pessoas é a de um conjunto de monumentos antigos que devemos preservar, ou porque constituem obras de arte excepcionais, ou por terem sido palco de eventos marcantes referidos em documentos ou em narrativas de historiadores (FONSECA, 2003).

**Palavras-chave:** Teatro Municipal. Patrimônio. Memória. Preservação.

### **Introdução**

A comunidade de Valença por um período de duas décadas vem lutando para proteger a casa de cultura construída no início do século XX e que tem muito significado para eles. O Teatro Municipal de Valença está hoje com 98 anos de idade e continua esperando o reconhecimento enquanto patrimônio histórico e cultural por parte do poder público que ainda não se dispôs a efetivar o seu registro nos órgãos competentes. Será discutida no presente texto a trajetória dos valencianos para garantirem a integridade física do Teatro Municipal e o tombamento do imóvel para se transformar em patrimônio histórico e cultural de Valença. Assim, partindo de movimento artístico e social local, será possível perceber os usos desse imóvel considerado pelo povo, patrimônio histórico e cultural valenciano, e os cuidados dessa comunidade para não perder suas memórias com a possível transformação do prédio em ambiente de usos da Câmara de Vereadores de Valença na década de 1980 .

### **O Teatro, o povo e as memórias**

No sentido etimológico, a palavra patrimônio significa pertencimento, propriedade de alguém, herança de família. Um imóvel ou cultura quando se transforma em patrimônio cultural e histórico sai de certa forma, da posse do seu proprietário para pertencer de maneira simbólica a uma comunidade, ou de forma mais genérica, ao Estado, país ou a humanidade. O objeto transformado em patrimônio perde até certo ponto, sua territorialidade ao passar a fazer parte de elementos pertencentes à comunidade local ou mesmo ao mundo. Há patrimônios, porém, que mesmo sem ser tombados por nenhum órgão oficial são “abraçados” por sua

comunidade para garantir sua continuidade enquanto ícone de valor para a sociedade a qual ele pertence.

Na cidade de Valença, na Bahia, existem vários bens considerados pela comunidade patrimônio histórico e cultural, alguns deles, já se encontram tombados pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (IPAC), tais como: a Câmara de Vereadores, a Instância Azul (casa de Dr. Heitor Guedes de Melo), o conjunto de sobrados da Praça da República – onde se encontra o Teatro Municipal – o antigo Fórum Gonçalo Porto de Souza, as ruínas da Companhia Valença Industrial e Igreja do Sagrado Coração de Jesus (a Matriz) . Dos vários prédios e logradouros considerados patrimônios em Valença, um em especial, ainda não entrou na real condição de patrimônio histórico e cultural oficialmente. É o Teatro Municipal, situado à Praça da República, no centro da cidade. Para garantir sua integridade física ele foi “abraçado” pela comunidade valenciana que passou a considerá-lo patrimônio da cidade por forças de manifestações públicas, para impedir que ele perdesse sua função de teatro abrigando a sede do poder legislativo.

Ao ser construído em 1910 pelo valenciano Gonçalo Júnior, o Teatro Municipal, obra de estilo colonial, tinha em sua arquitetura os símbolos da opulência da cidade, delimitada pelas figuras fincadas em seu topo as quais representavam os três setores econômicos de Valença, quais sejam: a economia rural, a comercial e a industrial, o Teatro era o lugar onde se reunia a sociedade valenciana para apreciar os espetáculos produzidos na cidade pelos artistas locais, ou trazidos de outras cidades no período de 1910 a 1950. Em 1959, o então Prefeito Ademar Guimarães, possivelmente com intuito modernizador, promoveu uma reforma que modificou muito o prédio, atingindo sua estrutura física; o imóvel teve seu tamanho reduzido, as estátuas retiradas da fachada, o palco e os camarotes diminuídos, e as cortinas retiradas.<sup>1</sup>

O Teatro Municipal como casa de espetáculo contribuiu muito com o social valenciano os espetáculos apresentados por artistas valencianos geravam dinheiro para construção de casas importantes da cidade como o hospital local, por exemplo, que contou com doações dos artistas para sua construção. As modificações arrojadas, não agradaram a comunidade, mas a casa continuou com seus usos, mesmo estando com seu espaço físico bastante prejudicado, inclusive com a retirada das cortinas. Os artistas resistiram, não o abandonaram. Enfim, a modernização havia chegado ao Teatro Municipal e transformado aquele espaço tornando mais difícil a sua utilização por conta da falta de acessórios. Na

---

<sup>1</sup> Informações contidas no I Encontro de Resgate da Memória do Teatro Municipal de Valença, em 01 e 02 de agosto de 1985, p. 22 que se encontram nos arquivos do Centro de Cultura de Valença.

fotografia abaixo pode se notar a presença de pessoas sentadas nas suas escadarias. Com a reforma tais escadarias também foram retiradas, as janelas das extremidades foram transformadas em aros de ventilação, os arcos das portas foram diminuídos.



**Figura 1** - Teatro Municipal. Fachada original, com as estátuas representando as três economias de Valença. Fonte: foto sem data, publicada no jornal *A Tarde Municípios* de 31/07/1987, pertencente ao acervo de Otávio Mota.

Após a reforma, uma vez que o empresário Rubens Pettit Ferrei ra passou a gerenciar o Teatro, (o qual por algum tempo levou o seu nome) trazendo atrações de outros Estados como Rio de Janeiro e São Paulo, dedicando -se principalmente a exibições cinematográficas.<sup>2</sup> Ao curso dos anos, outras empresas particulares, passa ram a ocupar o Teatro que foi destinado a fins diversos. Servindo a uma parte seleta da comunidade, esses serviços muitas vezes eram de viés cultural e educativo, pois ao ensinar, por exemplo, a arte de costurar, os seus ocupantes estavam colaborando com a economia da família de quem aprendia. Mas, e a classe artística, como ficou? Qual lugar lhes restou para se divertir? E o cinema, as peças teatrais, onde seriam apresentados?

Segundo consta dos registros do I encontro de resgate da memória, uma das prime iras empresas particulares a ocupar o Teatro na segunda metade do século XX foi a Rádio Clube de Valença que ali funcionou no período de 1972 a 1982, cedido em regime de comodato pelo então prefeito João Leonardo da Silva pelo período de 10 anos.<sup>3</sup> Através da Rádio eram realizados, em nível de diversão popular, programas de calouros aos domingos no palco do Teatro apresentado e dirigido pelo radialista Dorgival Lemos, além de sua programação

<sup>2</sup> Idem, p. 22.

<sup>3</sup> Informação cedida pelo radialista Dorgival Lemos em 4 de janeiro de 2008.

normal. Quando a Rádio passou para sua sede própria, o Serviço Social da Indústria (SESI) se abrigou no prédio, aí se iniciou a realização de oficinas desenvolvendo atividades artesanais como corte e costura, culinária e serigrafia, atividades que de certa maneira colaborava com a economia das pessoas que ali se qualificavam, existindo pessoas que, inclusive, aprenderam um ofício naquelas oficinas e vivem desse ofício sustentando suas famílias até a atualidade. Na parte de lazer, o SESI exibia bons filmes nos finais de semana. Essa ocupação durou cerca de três anos.

Nesse período os usos do prédio deixara de ser artístico para se tornar artesanal, ou seja, ia paulatinamente perdendo sua utilidade para arte, finalidade a que ele foi construído. Com a desocupação pelo SESI, a Câmara Municipal queria ali se instalar. Nesse momento os artistas, que já reclamavam o espaço, se mobilizaram, juntando-se a eles, os intelectuais e os populares de Valença resolveram defender seu patrimônio, se organizaram, apelaram para a Fundação Cultural do Estado da Bahia e para o prefeito local. A campanha pela sobrevivência do Teatro começou quando o Ubaldo França, fez um projeto com intenção de reformar o Teatro e transformá-lo em Câmara Municipal. Tal projeto gerou insatisfação geral e os artistas foram às ruas para impedir que o patrimônio público local tivesse suas funções desvirtuadas. O jornal *Una Municípios* traz em seu bojo a matéria *Um monumento pede socorro* escrita pelo poeta, autor e diretor teatral Otávio Mota<sup>4</sup>:

No mês de Julho do ano de 1985, corria na cidade um abaixo assinado encabeçado por vários artistas, solicitando do Prefeito João Cardoso que não fosse doado à Câmara de Vereadores o prédio do Teatro Municipal, como era desejo, na época, do Presidente da Câmara Ubaldo França. O prédio seria transformado em casa do legislativo. A 1ª etapa foi vencida, o Prefeito atendeu ao apelo da classe e, assim, mais um patrimônio histórico não se perdeu (MOTA, p. 14)<sup>5</sup>.

A partir desse movimento eles conseguiram impedir que o teatro perdesse de vez, suas funções artísticas e se transformasse em prédio do legislativo. Para garantirem o sucesso da campanha e uma negociação positiva, o povo de Valença, buscou em Nilson Mendes (à época, representante da Fundação Cultural do Estado da Bahia em Valença) o apoio moral para chegar à presidência da FUNCEB, órgão máximo de deliberação da cultura da Bahia e garantir que o Teatro Municipal, permanecesse do povo e fosse considerado patrimônio histórico e cultural. Unidos na campanha se encontravam artistas intelectuais e a comunidade que conviveram com e no Teatro desde seu nascimento, (alguns deles ainda estão vivos). Para

<sup>4</sup> Otávio Mota é poeta e autor teatral valenciano, muito atuante na área artística, é diretor do Centro de Cultura de Valença.

<sup>5</sup> Trecho do artigo escrito por Otávio Mota e publicado no jornal *Una Municípios*.

o povo de Valença “O teatro do Jardim Novo” é como um filho que viram crescer e se modificar ao longo do tempo, posto que ele fora construído em 1910 para funcionar apenas como local de apresentações de eventos artísticos e a exibição cinematográfica. Mas, no decorrer das décadas seguintes foi tendo sua funcionalidade modificada, porém, sob a égide da arte, ou seja, as atividades desenvolvidas no Teatro Municipal estiveram de alguma forma, até a década de 1980, ligadas à área artística.

É sumamente interessante a gente acompanhar as adaptações que ocorrem ao longo do tempo numa velha residência urbana qualquer [...] Cada família que nela habita vai deixando sua marca nos agenciamentos internos ; mais chega um tempo que a construção realmente não pode mais oferecer conforto [...] então, vamos a construção perder a compostura antiga. (LE MOS, 1981, p. 14).

As ocupações sucessivas do Teatro Municipal causaram algumas mudanças no imóvel visto que toda empresa ao se instalar ali buscou adaptar o ambiente às suas necessidades. Dessa maneira pequenas reformas internas foram sendo realizadas até transformar o ambiente, no sentido de trazer elementos novos como trocas de carteiras e inovação das paredes e internas do portal da entrada. Até porque as funções a quais ele estava servindo necessitava de adaptações. Mas a população já não queria mais mudanças para ele, principalmente a transformação em Câmara Municipal que não haveria reversibilidade para voltar às suas antigas funções. Por isso nos dias 1º e 02 de agosto de 1985 a comunidade realizou o I encontro de resgate da memória do teatro de Valença, onde constavam entre os muitos participantes, pessoas que trabalharam no Teatro na década de 1930, o “padri nho” encontrado pelos interessados na preservação do Teatro Nilson Mendes (1985, p. 4), em discurso proferido na abertura do evento falou à platéia:

Esta casa existe desde 1910, como teatro, como uma casa de cultura e aqui temos uma obrigação grande e primordial, de não permitir que o progresso deprede mais a identidade cultural da gente, que vá destruindo os nossos valores [...] Se isso aqui foi construído como casa de cultura, como casa de arte, vale a pena realmente discutir, trabalhar, lutar, em função da preservação deste espaço cultural, como espaço de arte, sem permitir que nada nem ninguém venha destruir esse templo de arte .

O diretor de núcleo da Fundação Cultural do Estado da Bahia se engajou na campanha pela preservação do teatro municipal acompanhando os artistas e os incentivando-os a recolher documentos, não só do teatro, mas também das manifestações culturais da zona rural e das festas populares realizadas no município de Valença. Pois com isso outras interações

culturais também seriam mais bem organizadas, podendo fazer parte quiçá, um novo padrão cultural a ser apresentado em Valença a partir de 1985. Ulpiano Bezerra (1999, p. 92) na conferência sobre os “usos culturais” da cultura diz que “os valores culturais são criações de indivíduos, decorrentes das suas ações e das seleções de cada grupo social através do desejo de uma identificação própria”. Em Valença na década de 1980, artistas e população se identificavam com o Teatro Municipal e se organizaram para impedir que o imóvel se descaracterizasse de suas funções culturais para atender a desejos de políticos.

Após a campanha de preservação do Teatro, outros patrimônios foram tombados – patrimônios listados no início desse trabalho – a custa de manifestações da comunidade, mas o Teatro não, mesmo sendo primeiro dos bens reivindicados. Outras reivindicações aconteceram em 1988, quando os servidores do Centro de Cultura de Valença formaram uma comissão contendo artistas, médicos, engenheiros, professores, advogados e comunidade, entre os quais faziam parte, o ator Juliano Britto, o poeta e autor teatral Otavio Mota e o fotógrafo Dedê Góes, para solicitar ao poder público, a proteção para o patrimônio histórico, cultural artístico arquitetônico da cidade.

O núcleo urbano é um bem cultural composto de mil e um artefatos relacionados entre si, que vão desde aqueles de uso individual, passando por outras de utilidade familiar [...] e interessam à compreensão do que sejam “patrimônio Ambiental Urbano” somente os bens ou as coisas móveis ou imóveis (LEMOS, 1981, p. 47).

Dentro dessas perspectivas, os bens tombados citados acima atendem a interesses comerciais, uma vez que esses monumentos recebem visita pública, são fotografados por turistas e, segundo o IPAC em dados coletados no ano de 2003, 9% dos turistas que passam por Valença têm como principal interesse, visitar os monumentos históricos, artísticos e culturais. Talvez por se tratar de lucratividade quase nula, o poder público local não manifesta interesse em lutar para preservar outros logradouros.

Apesar da Campanha pelo tombamento do Teatro Municipal desde 1985, não houve uma resposta positiva por parte dos poderes públicos, o Prefeito tentou os recursos federais para a reforma em vão, então anunciou nos jornais que o município faria pelo menos a reforma estética do Teatro, foram efetuados alguns ajustes, com pintura e uma reabertura do teatro para as apresentações teatrais e escolares. Parecia que tudo ia voltar à normalidade que a comunidade valenciana mais velha estava habituada a viver, conforme consta nos depoimentos de artistas e frequentadores do teatro durante o encontro de resgate da memória

em 1985, José Leal (1985, p. 8)<sup>6</sup> (frequentador do teatro) referindo-se a um artista que atuou ali nos anos 30 relatou:

“Alexandrino [Rosas] foi um grande artista e é uma lembrança da cultura valenciana que deverá servir de estímulo, [...]. Em 1937 foi um dos maiores espetáculos dele aqui no teatro de Valença em benefício da Casa de Saúde<sup>7</sup>. [...] este teatro, esta casa que a gente está, deve merecer todo apoio, todo carinho e, sobretudo, o prédio, a casa que é realmente uma beleza .

O discurso de José Leal representa o desejo da sociedade valenciana de manter o Teatro Municipal em suas funções artísticas para a comunidade, tanto pela sua funcionalidade quanto por sua representatividade e significação, pois em termos de diversão artística só contava com aquela casa desde 1910. O Teatro Municipal também tinha a função de colaborar com o desenvolvimento de instituições como a Casa de Saúde e a Igreja Matriz (sagrado Coração de Jesus), que segundo os depoimentos encontrados no encontro de 1985, recebiam as rendas dos espetáculos ali apresentados para desenvolver seus projetos internos.

Com a volta a funcionalidade artística na década de 1980, o Teatro Municipal volta a exercer as funções antigas, posto que um grupo de teatro local, em 1986 encenou a peça teatral “Pensão Boa Paz” em benefício a um jovem que necessitava de tratamento ortopédico, doando toda renda, inclusive o cachê dos artistas. Outras vezes eram realizados espetáculos com entrada franca só para atrair o público à diversão. E quando a apresentação era grandiosa se realizava na Praça da República em frente ao teatro, como foi o caso do espetáculo *Ode ao 02 de julho*<sup>8</sup>, que provocou a interdição da rua ao redor da praça para montar o cenário. Os espetáculos comerciais também eram feitos na época para divertir e chamar atenção do povo acerca dos acontecimentos em Valença e no Brasil. Um desses espetáculos foi a peça teatral *Incompatibilidade* montada naquele espaço em 1984. O texto do autor denuncia, no final da Ditadura Militar, o êxodo do nordestino para São Paulo em busca de melhorar a sua condição social. Com a realização desta peça surge o grupo GOTA – Grupo Oficina de Teatro Amador. Desse grupo faziam parte Juliano Britto, Irene Dóres, Vanilton Costa, Ricardo Souza, Jussa Nunes, Carmo Antonio e outros atores flutuantes. Esse grupo atuou em diversos trabalhos, até o início de 1990.

<sup>6</sup> O depoente era pessoa comum e bastante conhecida em Valença, faleceu há cerca de seis anos atrás.

<sup>7</sup> A Casa de Saúde ou Santa Casa de Misericórdia de Valença, hoje bem equipada e com área diversificada de atendimento, recorreu muito às apresentações do teatro Municipal para arrecadar fundos para as realizações de seus projetos internos. Tais apresentações tinham toda renda doada para ela, inclusive, até os cachês dos artistas que se apresentavam.

<sup>8</sup> Espetáculo patrocinado pela Prefeitura Municipal de Valença dirigido pelo diretor Nilson Mendes e com participação de artistas locais.

Incompatibilidade foi um trabalho marcante, pois com ele o Teatro Municipal voltava a sua funcionalidade como casa de espetáculo, abrindo bilheteria e cobrando ingresso. Daí em diante o seu espaço voltou a ser ocupado por diversos grupos para ensaiar e apresentar trabalhos, da mesma maneira serviu para desfiles e comemo rações folclóricas. Os autores Gilvan Monção e Otávio Mota realizaram muitos trabalhos no Teatro à época, todos de valores denunciativos sobre a situação do Brasil e Incompatibilidade foi uma das peças pioneiras nessa espécie de diálogo contestatório.



**Figura 2** - Peça teatral: Incompatibilidade de Otávio Mota

Peça encenada no Teatro Municipal em 1984, da esquerda para a direita; Irene Dóres, Juliano Britto e Carmo Antonio. Espetáculo escrito e dirigido por Otávio Mota. Uma das várias peças encenadas no período de 84 a 86. Fonte: foto do arquivo pessoal de Irene Dóres.

O significado de preservação do Teatro Municipal está para além da sua representação enquanto imóvel e se pauta, sobretudo, nas atuações dos artistas locais e no que o seu espaço proporcionou para a comunidade valenciana. Para Fonseca (2003, p. 65): “a ‘representatividade’ dos bens em termos da diversidade cultural e social [...] é essencial para que a função de patrimônio realize-se, no sentido de que os diferentes grupos sociais possam se reconhecer nesse repertório”. Sem dúvida os grupos sociais de Valença se reconhecem como agentes produtores de cultura e detentores de “poder” sobre o imóvel ameaçado da desvirtuação de suas funções.

A memória do Teatro Municipal é compartilhada com a sociedade através das lembranças daquelas pessoas que presenciaram ou fizeram parte do quadro funcional, as quais, na década de 1980, se manifestaram para dar seus depoimentos em prol da recuperação de Teatro. Assim D. Amalita Lacerda Matos que trabalhou como bilheteira do Teatro quando jovem relembra as suas vivências com a utilidade do imóvel em discussão:

Em várias oportunidades assisti peças teatrais e eventos culturais neste teatro, quando inicialmente trabalhei com o então empresário do Cinema de Valença, o valenciano Rubens Pettit Ferreira. E nesta ocasião eu vi companhias de fora, de vários lugares distantes que procuravam esta cidade para fazer apresentações neste teatro (D. AMALITA, 1985, p. 13).

D. Amalita assim como outros valencianos que fizeram parte da história do Teatro Municipal no lugar de espectador, funcionário ou artista, percebe a importância da casa de cultura não só para preservar suas memórias, mas também por suas culturas e suas histórias de vida posto que ao olhar para o teatro eles enxerguem seu passado e visualizam seus benefícios através das obras realizadas na Santa Casa de Misericórdia de Valença que começou a se “construir” com os rendimentos arrecadados nas apresentações artísticas do Teatro. As instituições beneficiadas comprovaram o altruísmo dos artistas que faziam as apresentações e doavam seus cachês para as obras. E se esse Teatro foi tão importante, se faz parte da história da comunidade através de seus usos, é importante que se lute pela sua preservação. O historiador Silva (2003) ilustra sua fala sobre patrimônio com o pensamento de Steinbeck, onde ele diz: “O senhor não está comprando apenas velharias está comprando velhas ruínas. O senhor está comprando uma meninazinha entrançando o pescoço deles, tirando a fita dos cabelos dela para amarrá-los na crina dos cavalos”.<sup>9</sup>

Steinbeck fala das lembranças de uma pessoa que ao se desfazer de seu patrimônio percebe que com ele estão indo embora suas recordações de infância, a sua construção de vida, a sua história. Marcos Silva através dessa ilustração informa que o patrimônio histórico em sua forma arquitetônica, está circundado pelo patrimônio cultural intangível praticado e guardado por pessoas que exercem atividades direta e indiretamente naquele ambiente. Assim as atividades realizadas no Teatro Municipal se encontram guardadas na memória das pessoas de Valença, ao mesmo tempo em que ele, agrega a memória desta comunidade. Sua descaracterização funcionaria como um apagamento de suas recordações, no que tange a sua visualização como estimulador da lembrança. Então artistas e público utilizam todas as formas de pressão, seja nos jornais, rádio, reunião com Presidente da Fundação Cultural, prefeito para que a Prefeitura assuma a reforma. Enfim, a utilização do espaço para apresentações teatrais na década de 1980, além de levar o público de volta ao Teatro, também serviu para evitar que o patrimônio histórico cultural se destinasse a outra função.

A partir de 1986, o Centro de Cultura é inaugurado em Valença e todos os eventos passam a ser realizados nele, apesar da insistência da comunidade, o Teatro Municipal vai

---

<sup>9</sup> Citação retirada do livro *As vinhas da Ira* de John Steinbeck, para iniciar fala sobre patrimônio histórico.

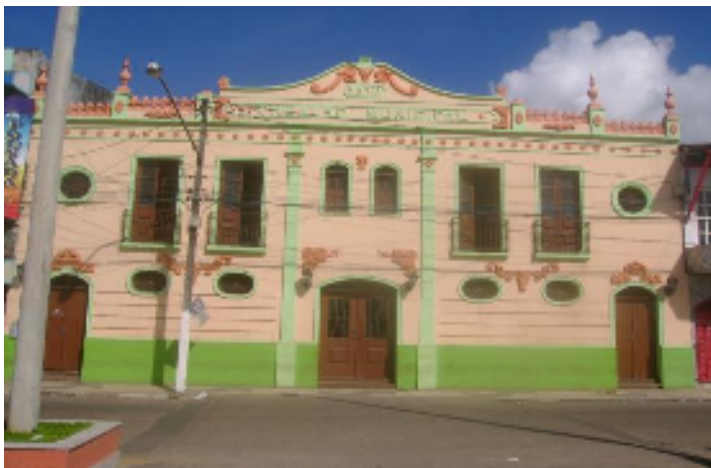
ganhando novos usos, ali se realizam formaturas de escolinhas<sup>10</sup> local de ensaio para peças de teatro comercial, posto do Juizado de Menores, depósito dos materiais da Fanfarra FONSEVA (Fanfarra Musical Elite de Valença) bem como seu local de ensaio, quanto às apresentações mais formais passaram a ser realizadas no Centro de Cultura de Valença. O projeto de tombamento do Teatro foi ficando para trás. Na atualidade, o Teatro Municipal se encontra fechado com utilização intermitente do Conselho Tutelar. Em meados de 2008 o prefeito atual, pintou a fachada do teatro por causa da reinauguração da Praça da República que esteve em reforma, mas o interior do Teatro se encontra em péssimas condições, existem ainda, alguns aspectos da construção original, porém, já bastante danificados pelo tempo. Embora seja registrado no IPAC e anunciado para o turista, juntamente com os monumentos tombados, como atrativo histórico e cultural o Teatro Municipal continua fechado e não conseguiu ainda o tombamento desejado, e os artistas e os populares valencianos continuam a lutar pelo seu tombamento, por entenderem que a memória da cidade e de particulares e o próprio imóvel precisam ser preservados.

No final de 2007, a Câmara Municipal de Valença aprovou a lei de preservação do patrimônio municipal que tornará o Teatro Municipal um patrimônio histórico do município o qual será gerido por um Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico Ambiental. Conselho esse que será formado por representantes de entidades (pessoa Jurídica) e que destinará o Teatro a utilizações artísticas como oficinas em geral, ensaios de peças e outras atividades afins. Quanto ao tombamento histórico pelo IPAC, o Teatro Municipal se encontra com seu nome na fila esperando para ser registrado em breve.<sup>11</sup> O teatro, conforme mostra a foto abaixo permanece com a mesma aparência de 1959, mas com a tonalidade da cor modificada, o verde foi acrescentado há cerca de 20 anos.

---

<sup>10</sup> No auge de sua utilização, as escolas usavam para as suas festas e teatralização das aulas temáticas tipo seminário e até o início dos anos 90 as escolinhas infantis realizavam suas formaturas no Teatro.

<sup>11</sup> Informações cedidas pelo atual Secretário de Turismo e Cultura: Senhor Júlio César Gonçalves de Oliveira em 14/12/2007, O depoente informou que a lei votada pela Câmara Municipal se encontra na Secretaria de Cultura e Turismo de Valença, à disposição de qualquer pessoa que deseje consultar.



**Figura 3** - Foto atual do Teatro Municipal com a fachada pintada recentemente, fechado e aguardando o tombamento municipal. Fonte: foto tirada em novembro de 2008, por Irene Dóres.



**Figura 4** - Fachada do Teatro Municipal, das estatuetas de ornamentação restam apenas 04 peões, dois de cada lado, as representações do comércio, indústria e zona rural já não existem desde o final dos anos 50. Fonte: foto tirada em novembro 2008, por Irene Dóres.

A luta dos populares e dos intelectuais de Valença pela preservação de um patrimônio histórico reconhecido pela comunidade esbarrou na vontade política e no interesse do poder público em investir numa casa de espetáculo de pequeno porte havendo, já na cidade, um centro cultural com capacidade para diversas formas de apresentação, variando de exposições até grandes espetáculos. Os populares e os artistas, porém, não se deram por vencidos e continuaram a buscar uma solução para preservar o Teatro, ainda embasados nas idéias do encontro realizado em 1985, persistiram em reuniões e pressões que acabaram por convencer

o poder público local a votar uma lei que garanta a integridade física e a sua inserção na lista dos bens tombados como patrimônio histórico e cultural de Valença.

Com essa atitude a população valenciana demonstra que o povo de qualquer lugar, se se organizar, pode conseguir que o seu patrimônio seja preservado, e sirva como fonte de memória e história de seus descendentes, não permitindo que sua resignificação perca os laços com a cultura que o originou. O Teatro Municipal de Valença é patrimônio do povo que o elegeu e buscou sua preservação, por isso surge esperança de que os que passarem por ele a partir de sua nova funcionalidade, estarão experimentando sentimentos vivenciados pelos populares de três ou quatro décadas atrás. É claro que a luta pela preservação do teatro ainda não acabou. Existem muitas outras batalhas a serem vencidas.

### Referências

A TARDE, Salvador, 7 ago. 1987 (arquivo pessoal de Otavio Mota).

A TARDE MUNICÍPIOS, Salvador, 31 jul. 1987 (arquivo pessoal de Otavio Mota).

BEZERRA, Ulpiano de Menezes. Os usos culturais da cultura. In: YAZÍGI, Eduardo et al. (Org.). *Turismo, espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRITTO, Irene Dóres Nascimento. *Buque do currículo de atriz*. Valença, 1985 (arquivo pessoal).

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e do cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônios: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL, produzido pelo IPAC-BA. Disponível em: <[www.bnb.gov.br](http://www.bnb.gov.br)>. Acesso em: 13 dez. 2007.

SILVA, Marcos A. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

I ENCONTRO DE RESGATE DA MEMÓRIA DO TEATRO MUNICIPAL DE VALENÇA, Valença, 1º e 2 ago. de 1985.